Brasil outros 500

"De um lado, o Brasil dos economistas e tecnocratas. De outro, os descendentes daqueles mesmos índios que pouco ou nada lucraram com o encontro de 1500. E muito menos lucrarão com o encontro de hoje." ***Carlos Heitor Cony – FSP, 22/04/2000***

"A colonização empurrou os nativos para dentro do território e ficou com o "mar". Instalou-se na faixa litorânea, criou muita riqueza e cuidou ciosamente para que nunca fosse distribuída." ***Marina Silva – FSP, 20/04/2000***

Opinião

O sertão quer virar mar

É positiva a chegada de caravanas à Bahia, desafinando o coro da preguiça comemorativa

Marina Silva[1]

O delírio de um beato -de que o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão-, quem diria, acabou se transformando na metáfora perfeita para contar o que nos acontece hoje em dia. Parece que tudo se mexe, nada mais quer ficar no lugar. Mas, ao mesmo tempo, está presente uma sensação angustiante, como respiração curta e incompleta, de que nada acontece, de que está tudo travado por algum nó imaginário.

Para dizer isso de maneira diferente, pode-se usar outra metáfora, tão presente nos últimos tempos. A dos "outros 500", que povoa os sonhos e os planos de tanta gente, para substituir os 500 anos de Brasil que se foram, colados a tanta injustiça, a tanta aberração. Mas, enfim, por mais insatisfatório que sejam, é o que temos para partir para outros diferentes 500.

Será que este é o momento de realização da profecia? Talvez não completamente, mas o sertão, como símbolo da maioria que herdou aridez e carência, na repartição dos 500 anos passados, quer virar mar, quer penetrar a imagem da exuberância e da fartura tão mal divididas.

A colonização empurrou os nativos para dentro do território e ficou com o "mar". Instalou-se na faixa litorânea, criou muita riqueza e cuidou ciosamente para que nunca fosse distribuída. Tomou de assalto e destruiu o que podia e não podia daquilo que parecia ser uma dádiva divina inesgotável. A natureza, os recursos naturais de toda espécie. É o que está por trás do balanço dos 500 anos de destruição florestal no Brasil, feito pela WWF: 93% da mata atlântica exterminados, 50% do cerrado, 15% da Amazônia.

Hoje já não estamos divididos em invasor e invadido, nativo e colonizador, mas permanece atávica, nas mentes e corações de muitos, a barreira ancestral. De um lado os "índios e negros escravos": a população que permanece colonizada, iludida, discriminada, explorada e sem direitos em seu próprio país. Perde muito, ganha pouco, recria-se continuamente na cadeia de miscigenações culturais, sociais, espirituais, raciais e econômicas trazidas pelas caravelas eletrônicas da globalização. De outro, os donos da terra e de tudo, que se sentem naturalmente talhados para o poder e privilégio, senhores eternos do melhor pedaço, do "mar". Sem sensibilidade social, sem criatividade, com uma percepção deformada de qualidade e objetivos de vida, são o verdadeiro e único "custo Brasil". Há 500 anos.

Não percebem, contudo, que sob o aparente cenário de permanência há uma energia inquietante em movimento. E se prestassem mais atenção veriam que o sertão está, literalmente, descendo para o mar. De todo o país, caravanas de

---

[1] *Marina Silva, 41, historiadora, é senadora pelo PT do Acre. Foi fundadora da CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Acre.E-mail: marinasi@senado.gov.br*

trabalhadores, de comunidades indígenas e negras, dirigem-se para Coroa Vermelha, para Porto Seguro, onde tudo começou. Trazem a agressividade política da afirmação da sua existência e do seu espaço. E quem há de negar que sua revolta é justa?

Mas o movimento que vem do sertão tem outras novidades, também, para mostrar. Há sinais consistentes de alianças e parcerias que confirmam, na prática, a viabilidade de outra lógica para a exploração econômica dos recursos naturais, baseada na conservação e no equilíbrio ecológico e social. A Amazônia é hoje espaço fértil dessas parcerias e dessa lógica, que começam a impregnar grandes estruturas institucionais, como é o caso dos governos estaduais do Acre e Amapá.

Há em todo o país experiências alternativas de desenvolvimento comunitário, institucional, político. Os sem-terra, sobre quem pesa a acusação de radicais, dão uma lição de futuro, instalando escolas para suas crianças nos acampamentos. Há coisas acontecendo neste país que dão alento, em vez de asco. Mas por que é tão difícil ganharem escala capaz de botar para correr as bandas podres, que parecem tudo corromper, poluir, contaminar, como esgoto clandestino entrando na corrente sanguínea do país?

A resposta implica coragem para reconhecer que é positiva a chegada de caravanas populares ao sul da Bahia, desafiando e desafinando o coro da preguiça comemorativa, ultrapassando a abordagem passadista, pobremente festiva da programação oficial e oficiosa. É um país ferido, porém vivo, cuja história real deve ser exposta, discutida, enfrentada, para afirmar, de todas as maneiras, que muita coisa passou dos limites nestes 500 anos.

A chegada dessas caravanas, de gente que tem pouco ou nada a perder, é um sinal forte, mesmo que às vezes intimidante, de que o povo ainda procura soluções coletivas, institucionalizáveis, identificadas com um sentimento de pertencer ao país. Assustador seria se esses laços já se tivessem rompido de vez. É preciso lembrar que o maravilhoso mar também traga, faz naufragar. Poucas vezes tivemos tantas coincidências, tantas simbologias de esperança e ameaça. Dia 19, Dia do Índio. Dia 22, Dia do "Descobrimento" e também Dia Internacional da Terra, o planeta no qual a nossa parte, o que nos identifica, está neste espaço físico, cultural e político que chamamos de Brasil, mas que ainda, de fato, não descobrimos.

O maior resultado esperado da tensão destes dias e do acerto de contas histórico feito na Bahia é uma enfática e clara atitude, por parte do governo federal -que, deve-se reconhecer, é a maior força institucional estruturadora ou desestruturadora do país-, que vá além de arranjos de última hora, paliativos conjunturais ou culpas retóricas e se comprometa, de fato, com o fim do Brasil-colônia. (artigo publicado na FSP, 20/04/2000)

Brasil : Indígenas y campesinos del Movimiento Sin Tierra unen sus protestas

Diversas movilizaciones del Movimiento de los Sin Tierra, reclamaron la sanción de los responsables de la masacre de El Dorado dos Carajás, ocurrida hace 4 años. En aquel suceso, ocurrido el 17 de abril de 1996, un escuadrón de la policía militar abrió fuego contra un grupo de campesinos, provocando 19 muertos y varios heridos. Como parte de la protesta, en Salvador, capital del estado de Bahía, al este del país, 400 campesinos del Movimiento de los Sin Tierra tomaron la sede del Instituto de la Reforma Agraria. Otros 2 mil agricultores del Movimiento, fueron obligados a abandonar la ciudad de Porto Seguro, también en Bahía. Allí, el gobierno festejará el sábado los 500 años de la presencia europea en Brasil. En los últimos días se han sumado a los reclamos por el esclarecimiento de la masacre de El Dorado dos Carajás, las protestas contra los festejos de los 500 años. Diversos grupos indígenas y los campesinos del Movimiento de los Sin Tierra se argumentan que el "descubrimiento" significó el aniquilamiento de la cultura y la población nativa.

Los pueblos indios recuerdan que a la llegada de los portugueses, había una población autóctona de 6 millones de habitantes y que ahora quedan unas 350 mil personas. Estos pronunciamientos se han repetido a propósito de los festejos programados por el gobierno para recordar los 500 años.

El gobierno de Fernando Henrique Cardoso invirtió cuatro millones y medio de dólares para construir en la zona del monte Pascoal un museo, un gran centro comercial y senderos hechos por paisajistas. El monte es el primer lugar visto y conquistado por los portugueses en 1500. Pero a todos estos festejos, los campesinos e indígenas responden con otras actividades. En el interior de Brasil 55 haciendas fueron ocupadas por campesinos sin tierra, en solidaridad con el movimiento indígena. En Pernambuco, Jaime Amorim, líder de los "Sin Tierra afirmó que "en el campo brasileño, no hay nada que festejar".

Si la tensión continúa en aumento, no se descarta que el Presidente Fernando Henrique Cardoso cancele los festejos previstos en Coroa Vermelha, en Bahía, al este del país, y los traslade a un "punto más seguro y menos conflictivo". (Agencia Informativa Púlsar, 18.04.00)

Titular de artigo na Folha de São Paulo de 22/04/2000

Comemoração custa 11 vezes o gasto com índio

Funai recebe R$ 5,8 milhões, e festa fica com R$ 66,7 milhões

O povão estragou a festa

A cidade de Porto Seguro (BA), cenário da comemoração oficial dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que será realizada neste sábado (22), pode ser palco também de confrontos.

O clima de tensão aumentou na sexta-feira. O governador da Bahia, César Borges (PFL), anunciou que os integrantes do MST não poderão entrar em Porto Seguro para realizar seus prometidos protestos.

No dia 21 FHC decidiu apenas seis horas em Porto Seguro para as comemorações oficiais do Descobrimento. O presidente chega às 11h30 e decola às 17h30 para São Paulo.

Quando a programação começou a ser montada, há cerca de seis meses, a idéia era que o presidente ficasse até três dias na cidade e que voltasse para assistir à missa em Coroa Vermelha, no dia 26. Quase tudo foi cancelado.

No dia 22/04, aproveitando que chovia o Presidente suspendeu sua presença nas solenidades ao ar livre e restringiu sua participação e a do presidente de Portugal ao almoço realizado em um hotel de Porto Seguro.

Quem são os integrantes da marcha "Brasil Outros 500"

Além do MST a Marcha vai juntar também por índios, negros, estudantes, sindicalistas, partidos políticos de oposição e agentes da pastoral negra da Igreja Católica, o movimento espera reunir hoje na praça da Pitangueira (entrada de Porto Seguro) entre 7.000 e 10 mil pessoas para protestar contra o governo.

Índios suspendem o encontro com FHC

No dia 21 de abril o cerimonial da Presidência confirmou o encontro de FHC com representantes de índios para uma conferência.

Mas no dia 22, segundo Nailton Pataxó, um dos coordenadores da marcha, os índios decidiram em plenária não ir ao encontro. "Sempre fomos esquecidos pelo governo, por que só agora ele quer nos receber?"

Entrevista de FHC para FSP: um show de democracia

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem estar cansado das ações do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e deixou claro que não quer que o Congresso vote, na próxima quarta-feira, a medida provisória do salário mínimo fixado em R$ 151. FHC acrescentou que os sem-terra são "uma parte radical da sociedade voltada para o vazio", que "não quer resolver nada, só agravar".

Na sua opinião, há no país "a tolerância necessária" para as manifestações durante as comemorações dos 500 anos, mas ele não aceita ofensas pessoais, à democracia, ao país ou à instituição Presidência da República.

"Essa gente tem mentalidade fascista?", questionou ao comentar a invasão e depredação da Secretaria da Segurança Pública do Pará, quarta-feira passada. "Esse movimento está descambando para a baderna", afirmou, referindo-se ao MST.

Em resposta às declarações de FHC, o coordenador do MST na Bahia, Valmir Assunção, disse que o que o presidente considera baderna é, para o MST, a luta pela vida, pela reforma agrária e pelos direitos humanos. "Baderna é o que o presidente quer fazer ao impedir o povo de participar de uma festa democrática, ao rasgar a Constituição, ao tentar impedir o direito de ir e vir", afirmou o líder sem terra, em referência aos bloqueios policiais de ônibus com MST.

Movimento Sem-Terra

"Eles não me pediram audiência. Quem pediu foram os índios e vou recebê-los. Mas já os recebi. E estão enganados ao afirmar que vão forçar um encontro comigo. Ninguém força um encontro com o presidente da República. Se tivessem pedido... Mas eu não vou entrar nessa, não. De outras vezes que os recebi a conversa foi muito boa. Só que depois eles vão para a rua, dizem outras coisas e só atacam, atacam. E aí, cansa."

Violência

"Não diria que parecem atos de guerrilha. Mas em que lugar do mundo já se viu que manifestantes invadem uma Secretaria da Segurança, como aconteceu no Pará? A vida inteira, quando há violência, é o contrário. É na secretaria que se faz a violência, batem nas pessoas, que no passado torturavam. Agora é o oposto? Quer dizer, essa gente tem mentalidade fascista? Claro que isso preocupa. Não é pelo perigo, pois são meia dúzia de gatos pingados, mas é pelo desrespeito aos outros, à democracia, ao país. Em nenhum lugar do mundo isso é aceitável. Esse movimento está descambando totalmente para o lado da baderna."

Salário Mínimo

"Vamos falar um português claro: os R$ 151 representam um aumento real para o salário mínimo. É baixo. Todos os salários no Brasil são baixos. Imagino que até o seu (da repórter que o questionou). Mas salário não se resolve por decreto. Se fosse assim, quem não gostaria de colocar o salário mínimo em R$ 1.000? Eu faria isso na hora. Mas se eu fizer isso, explode a economia do Brasil."

(Fontes – Agencia Pulsar; Folha de São Paulo e Folha on line de 21 e 22/042000)